

Um estudo sociocognitivo de recategorizações lexicais no “depoimento do *orkut*”

(A sociocognitive study on lexical recategorizations in “*orkut* testimonial”)

Carla Edila Santos da Rosa Silveira

Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal do Paraná (UFPR)

carlaedila@hotmail.com

Abstract:. Among other cases, the anaphoric function of the indefinite SN in lexical recategorization operations is only identified by Koch (2002), Cavalcante (2003a) and Cunha Lima (2004), besides the predicative function that is traditionally attributed to this kind of expression. Considering this phenomenon, our purpose is to rethink an issue that has received little attention from the Linguistics literature. In this paper, we examine recategorizations introduced by the indefinite SN in some texts produced on *orkut* website.

Keywords: recategorization; indefinite SN; *orkut* testimonial.

Resumo: Dentre outros casos, a função anafórica de SN indefinido em operações de recategorização lexical é identificada apenas por Koch (2002), Cavalcante (2003a) e Cunha Lima (2004), além da função predicativa que é tradicionalmente atribuída ao tipo de expressão. Considerando esse fenômeno, propomo-nos a repensar uma questão que tem recebido pouca atenção da literatura linguística. Neste trabalho, examinamos recategorizações com SN indefinido em alguns textos produzidos no site *orkut*.

Palavras-chave: recategorização; SN indefinido; depoimento do *orkut*.

1. O foco do estudo

O recorte deste artigo sintetiza questões abordadas em uma pesquisa fundada em estudos sociocognitivos da referenciação (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995; MONDADA; DUBOIS, 1995; MARCUSCHI; KOCH, 1998) e circunda a recategorização lexical realizada através da reativação de referentes textuais – objetos de discurso – construídos com expressões nominais introduzidas por determinante indefinido (SN indefinido) em depoimentos publicados na versão brasileira do *site* de relacionamentos *orkut*,¹ cuja popularidade adquirida no Brasil motivou em parte a proposição da investigação. A singularidade do estudo vem da observação do fenômeno em *corpus* constituído por textos de mesmo gênero discursivo. O objetivo da proposta é o exame qualitativo do funcionamento textual-discursivo de recategorizações marcadas pelo uso anafórico de SN indefinidos, considerando sobretudo (i) a atuação diferenciada do determinante indefinido *um* (*a*) em processos referenciais (CUNHA LIMA, 2004) e (ii) a relação entre a estratégia de recategorização com SN indefinido e traços constitutivos de um gênero discursivo (BAKHTIN, 1997) que emergiu no espaço de interação virtual (XAVIER, 2002; MARCUSCHI, 2005; SILVEIRA, 2009).

Na visão sociocognitivista, a noção de cognição recobre uma “construção social, intersubjetiva e historicamente situada” (KOCH; MORATO; BENTES, 2005, p. 8). Daí decorre nosso interesse em refletir sobre a (re)construção da referência com SN

¹ A rede de relacionamentos www.orkut.com foi criada em 2004 pelo turco *Orkut Büyükkökten*, engenheiro da empresa americana Google. A página eletrônica posteriormente recebeu uma versão brasileira devido à popularidade conquistada no país, pois a maior parte dos usuários é ou se diz brasileiro segundo os dados estatísticos divulgados no *site*.

indefinido, um tema ligado à referencialização discursiva cujo processo promove relações intersubjetivas através da linguagem e atualizações contínuas das categorias da língua pela apreensão cognitiva de tais interações, por sua vez, particularizadas em conformidade com o cenário histórico e cultural de cada meio social. Assim, enfatizamos a defesa de teóricos mobilizados em proporções particulares pelo diálogo com a cognição situada, partilhada ou socialmente constituída (KOCH; CUNHA LIMA, 2004) no encontro com a tese que se opõe ao exame formalista da suposta relação binária entre linguagem e mundo – categorizada como “antirreferencialista” por Morato (2001) – e aqui tomada como relação de intermediação linguagem-mundo de acordo com estudos que privilegiam: (i) os produtos culturais da atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUÉLIN, 1995), (ii) o dinamismo de objetos de discurso em vez de referentes (MONDADA; DUBOIS, 1995), (iii) a relativa indeterminação linguística e a discretização não-apriorística do mundo pela linguagem (MARCUSCHI; KOCH, 1998).

À primazia do caráter intersubjetivo da tese antirreferencialista aliamos a perspectiva enunciativa de Bakhtin (1997) tal qual faz Morato (2001 p. 56) ao perceber no trabalho do filósofo russo “a crucialidade do sujeito constituído na e pela linguagem – uma postulação tipicamente enunciativa que rejeita o princípio regulador da significação e a estabilidade do referente fora dos processos interativos”. Sob esse prisma, os gêneros do discurso mobilizam as interações pela linguagem de modo que as trocas verbais entre interactantes não se desenrolem sempre de maneira inédita. Os sujeitos falantes são capazes de produzir com autonomia os enunciados, os modos de dizer dotados de estabilidade relativa (aqui tomados por conjuntos de textos orais e escritos passíveis de assumir novas facetas por sua criação estar sujeita a paradigmas sociais e históricos do meio de inserção dos enunciadore), sejam esses enunciados até mesmo padrões e estereótipos reproduzidos, adaptados e inventados. Assim, Bakhtin pondera quanto à inegabilidade da existência dos gêneros discursivos e do nosso domínio dos formatos genéricos,² pois “se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível” (1997, p. 302).

Uma posição quanto aos gêneros discursivos que traduz a inter-relação entre aspectos cognitivos, enunciativos e pragmáticos é apresentada por Koch:

De qualquer forma, **os gêneros devem ser vistos como arcabouços cognitivo-discursivos ou enquadres enunciativos** determinados pelas necessidades temáticas das diversas práticas sociais, pelo conjunto dos participantes de tais práticas, de suas relações sociais e de seus propósitos enunciativos, as quais se distinguem, conforme Bakhtin, além da forma composicional, pelo tipo de conteúdo temático e pelo estilo que lhes é próprio. (2006, p. 163-164) (grifo nosso)

A formulação da linguista acarreta a defesa de uma definição em que os gêneros do discurso são observados enquanto construtos (textos) para sustentação das interações, os quais adquirem a singularidade de um alicerce que amalgama conhecimentos apreendidos a partir das experiências interativas dos sujeitos e dos

² O conceito de “competência metagenérica” proposto por Koch (2006, p. 160) parte desse dizer de Bakhtin. Trata-se da capacidade do sujeito falante de perceber o que pode ser adequado ou inadequado para o exercício das práticas sociais de que participa; o contato frequente dos sujeitos com tais práticas favorece o desenvolvimento da competência de lidar com diversos gêneros discursivos.

dizeres compartilhados na memória discursiva,³ que distinguem posicionamentos de determinados grupos de sujeitos frente a acontecimentos. Além disso, a conceituação de gênero em destaque envolve a noção de enquadre enunciativo e, por isso, encaminha-nos para a delimitação de um foco, de uma moldura ou ainda de um ponto de convergência para atos exclusivos e irrepetíveis de produção de enunciados (de textos orais e escritos). O ponto de convergência da enunciação, estabelecido através dos gêneros discursivos, está condicionado por aspectos como: o que é preciso abordar durante dado evento interativo, quem participa desse evento, o nível de proximidade entre os interactantes, os objetivos traçados para o ato enunciativo.

Pensando nas condições do enquadre enunciativo de interações sociais empreendidas nas mídias destinadas à comunicação mediada por computador (CMC), as quais remetem a aspectos ligados à tríade bakhtiniana – elementos composicionais, temáticos e estilísticos que definem os gêneros do discurso – e possibilitam, por exemplo, aos usuários do site *orkut* interagir através de um conjunto de textos escritos em diversos gêneros (recado, mensagem, tópico de fórum de comunidade, comentário de fotos, depoimento etc.), descrevemos características atribuídas ao comportamento do gênero **depoimento do orkut** (SILVEIRA, 2009). Em linhas gerais, observamos o uso de recursos de escrita hipertextual (reiteração de pontuação e letras, grafia em letras minúsculas, abreviações, ícones de emoção) e certo hibridismo dado às marcas de oralidade deixadas no texto escrito (vocativos, dêiticos pessoais, marcadores discursivos, variedade dialetal representada pelo léxico). Por se tratar de um gênero emergente no contexto de CMC (XAVIER, 2002; MARCUSCHI, 2005), era esperada a presença de tais traços. Na estrutura composicional, destacamos a recorrência de introdução metaenunciativa e predomínio de sequências descritivas (ADAM, 1992), aspecto supostamente ligado ao objetivo enunciativo de emitir declaração pessoal sobre sujeito com quem se mantém vínculo real ou virtual. Quanto ao tema, o enunciador tende a produzir enunciados axiológicos a respeito do outro através de uma estratégia referencial que descarta descrições depreciativas acerca do objeto de discurso (MONDADA; DUBOIS, 1995). Entretanto, no que tange à seleção lexical, sobressai-se o uso de expressões nominais indefinidas e, em muitas vezes, com função anafórica (KOCH, 2002; CAVALCANTE, 2003a; CUNHA LIMA, 2004).

Uma breve revisão teórica sobre a estratégia de recategorização lexical segue este preâmbulo. Na terceira seção, discorremos acerca das três abordagens que tratam da recategorização com SN indefinido. Em seguida, analisamos dois dados selecionados mediante o critério de haver uso de SN indefinido com função anafórica. Embora este estudo ainda não traga posições conclusivas, finalizamos o artigo com considerações que parecem merecer uma exploração mais detida.

2. A recategorização lexical

2.1 A concepção clássica de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995)

A primeira abordagem direcionada à recategorização lexical é da autoria de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). Na interpretação dos teóricos, a recategorização consiste em um recurso de renomeação do referente textual ou estratégia de designação

³ Segundo Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 239), a memória discursiva corresponde à esquematização em curso nas práticas de linguagem e, pela asserção de Koch (2006, p. 58), a memória discursiva diz respeito a representações construídas no discurso que atuam como memória compartilhada e cuja sucessão de estágios interfere parcialmente nas seleções linguísticas operadas pelos interlocutores.

com retomada de elemento já introduzido na memória discursiva por expressão de outra categoria ou classe de indivíduos/entidades, para o que levamos em conta as seguintes asserções:

De manière générale, à chaque moment du discours, le locuteur dispose, pour désigner un objet donné, d'une série non close d'expressions linguistiques utilisables à conditions référentielles égales. Non seulement ce locuteur est en droit de sélectionner celle qui'il estime la plus apte à permettre l'identification du référent, mais il peut, par des recatégorizations, par l'ajout ou le retranchement d'expansions, etc., moduler a l'expression référentielle en fonction des visées du moment; celles-ci peuvent être de nature argumentative (soutenir une certaine conclusion), sociale (ménager la face de l'autre, euphémiser le discours), polyphonique (évoquer un autre point de vue sur l'objet que celui de l'énonciateur), esthétique-connotative, etc., elles peuvent également être liées à la gestion de la référence (éviter ambiguïté); (...) Il en découle que la sélection d'une dénomination est une opération nécessairement *contextualisée*. (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 242) (grifos dos autores)

Ao tratarem das transformações marcadas por elemento anafórico, os autores concebem três variedades para esse recurso de modificação do referente textual ou de algum de seus aspectos. Desse modo, a recategorização lexical recobre os momentos em que o anafórico: (i) transforma o objeto, subdividindo as recategorizações em explícita, implícita e com modificação da extensão do objeto; (ii) desconsidera as predicções acrescentadas ao objeto; (iii) incorpora os predicados explicitados. De fato, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) desenvolveram uma classificação insuficiente em que apenas o primeiro item recebe uma subespecificação de acordo com as funções discursivas da recategorização. Apesar da incompletude e flutuação de critérios, interessa-nos o tratamento dos casos explícitos de recategorização lexical. Descartamos as demais subdivisões porque, ao invés de expressões nominais, itens lexicais como pronomes podem operar a anáfora recategorizante, ocupando a posição de marcadores da modificação referencial. Cabe ainda trazer à tona a observação de que o trabalho precursor dos dois teóricos apresentou lacunas motivadoras de investigações com o objetivo de reorganizar os tipos de recategorização em parâmetros mais definidos e coerentes, a seguir, demonstrados nos trabalhos de Tavares (2003) e Matos (2004).

2.2 Alguns desdobramentos teóricos

Tavares aprimora os critérios de análise da proposta clássica com base na tipologia dos processos referenciais de Cavalcante (2003b) sob o argumento de que o inventário existente “embora tratasse o fenômeno como ‘recategorização lexical’, nem sempre se preocupava com aspectos semântico-lexicais e se apoiava, principalmente, em justificativas de natureza discursiva” (TAVARES, 2003, p. 135). Da proposta inicial, explicitude/implicitude é o único critério mantido, pois a pesquisadora adiciona três critérios classificatórios: de retomada, cognitivo e de significação. Trata-se de uma classificação exaustiva e, por limitações de espaço, não a detalharemos. Contudo, retomamos uma crítica acerca de conclusão equivocada a que o trabalho de Tavares (2003) conduziria. Diante do absolutismo inaceitável da afirmação de que todas as anáforas diretas recategorizam, Cavalcante (2003b, p. 9) adverte quanto à carência de “um tipo de correferencialidade que simplesmente mantenha a mesma representação do referente no discurso, sem acrescentar atributos nem focalizar nenhum ângulo diferente: uma anáfora correferencial não-recategorizadora”.

Da reflexão de Tavares (2003), recebemos duas alternativas para interpretar os tipos de recategorizações conforme a expressão referencial empregada. A primeira opção é a recategorização cognitivo-lexical, pela qual modificações incidem em conceitos iniciais que se pode ter sobre o elemento categorizado, o que acaba por agregar alterações na significação da expressão recategorizadora. A segunda alternativa é a recategorização cognitiva em que modificações incidem exclusivamente nas concepções iniciais sobre o objeto de discurso sem haver modificação lexical, dado a seu caráter de implicitude. Por um lado, o deslocamento da classificação para o terreno dos implícitos soa estranho justamente pelo fato de ir de encontro ao que se entende por recategorização, i. é, para incluir o objeto de discurso em nova categoria da língua é necessário que uma nova designação seja selecionada de modo explícito com base em uma categorização feita. Por outro lado, apesar de a referencialidade ser preponderante nessa abordagem, a autora não se aprofunda na reflexão quanto às funções discursivas das recategorizações e das propriedades argumentativas decorrentes do processo. Neste último caso, a justificativa seria a generalização de que todas as recategorizações lexicais exercem função argumentativa, aspecto questionável por julgarmos produtivo o estudo das diferentes proporções em que a argumentatividade pode alcançar.

Já a preocupação de Matos (2004) recai na classificação do funcionamento discursivo das recategorizações lexicais operadas através de anáforas diretas e correferenciais de acordo com os princípios ducrotianos de argumentatividade. Ao contrário de Matos, não tentaremos compor um inventário geral de funções discursivas das recategorizações em diversos gêneros textuais. A pretensão é verificar a operação da recategorização com SN indefinido no que tange à constituição do depoimento do *orkut*. Com a análise de um *corpus* de textos variados, a pesquisadora concebeu sua proposta classificatória de funções argumentativas: avaliativa, não-avaliativa, de glosa (por definição, por correção, por especificação) e estético-conotativa. Como constatou que tais funções não são excludentes, mas coauxiliares e passíveis de sobreposição, a autora concluiu que as recategorizações podem ser multifuncionais no discurso, assim como são as próprias expressões referenciais (KOCH, [2004] 2006). Todavia, o ponto que nos interessa é a hipótese aberta na conclusão da dissertação de Matos:

Deixamos, aqui, a hipótese a ser investigada de que certas funções das anáforas correferenciais recategorizadoras podem estar condicionadas a características de determinados gêneros textuais, uma vez que verificamos a predominância da função “avaliativa” em gêneros como os poemas e anúncios publicitários; da mesma forma que a “glosa por definição” prevalece nas bulas farmacêuticas. Ainda mencionamos a larga utilidade dessa função em outros textos de teor científico ou também didático. (2004, p. 139)

A hipótese acima circunda o condicionamento de um aspecto da recategorização lexical às particularidades de gêneros textuais. Com isso, reunimos mais uma consideração para sustentar que haveria alguma vinculação entre as seleções de recategorizações com SN indefinido e o gênero depoimento do *orkut* de modo similar ao que aponta Koch (2002, p. 274):

Caberia, ainda, retomar o tema da relação entre determinadas estratégias de seleção lexical e gêneros textuais. As observações feitas a respeito da sinonímia, bem como das anáforas definicionais ou didáticas, permitem entrever tal relação: em se tratando de

anáforas por sinonímia, em gêneros do domínio jornalístico, como notícia, reportagem, matérias opinativas; ou do campo contratual ou deliberativo, como contratos, atas de reunião, em contraposição com gêneros informais, como interações face-a-face, entre outros; no caso das anáforas definitórias ou didáticas, em gêneros como artigo acadêmico, conferência científica, matéria de vulgarização científica, aula, palestra, e outros mais.

3. A anáfora com expressões nominais indefinidas

3.1 A função anafórica de expressões indefinidas

Ao tratar do uso anafórico de expressões nominais indefinidas, Koch (2002) salienta a negligência nos estudos direcionados às possibilidades de empregos do determinante indefinido e reporta-se inicialmente ao trabalho *Indirekte Anaphern in Texten* (2000), de Monika Schwarz (apud CUNHA LIMA, 2004). O uso anafórico de expressão indefinida, para Schwarz, ocorre em: (i) relações parte-todo, em que um referente é selecionado no interior de um conjunto apresentado anteriormente; (ii) nomeação parcial de um referente já introduzido ou, de outro modo, na subespecificação consciente do referente visando a um efeito de suspense; (iii) focalização acentuada do conteúdo informacional da expressão anafórica em lugar da continuidade da cadeia coesiva.

A todos esses casos, Koch (2002) contrapõe outros aos quais atribui maior complexidade de análise por requererem a decisão entre uma interpretação referencial e outra predicativa. Uma possível justificativa para a duplicidade de análises das expressões nominais indefinidas, quando inseridas em processo anafórico, seria sua “dupla função cognitivo-discursiva”. Em outras palavras, a pesquisadora sustenta que tais expressões podem simultaneamente reativar referentes fixados na memória e introduzir novas predicções sobre eles. Um dos exemplos disponíveis é o seguinte:

- (1) *Um homem sozinho, com uma jaqueta numa das mãos e um embrulho na outra, com um ar de quem tanto podia ter saído de uma manifestação como estar a caminho do trabalho ou das compras. Um homem de camisa branca e calças pretas. Um chinês num oceano de 1,1 bilhão de chineses. Um desconhecido.*

Sobre a montanha de cadáveres com a qual o regime chinês reafirmou a sua tirania na semana passada, ao reprimir com punho impiedoso os estudantes reunidos em nome da democracia na Praça da Paz Celestial, *esse cidadão anônimo* fixou uma imagem poderosa. (...) (“O desconhecido da camisa branca”, VEJA, 14/06/89) (grifos da autora)

A linguista sustenta que o enunciador seleciona frases nominais como *Um chinês num oceano de 1,1 bilhão de chineses* porque não pretende simplesmente fazer predicções sobre certo referente textual, além disso, busca construir objetos de discurso com “descritores lexicais nominais” (descrições definidas ou indefinidas). Parafrasear frases nominais com o acréscimo de verbo *ser*, para Koch, não seria uma solução suficiente para explicar a contribuição do nominal indefinido com função anafórica na construção de sentidos do texto. A seleção lexical feita pelo produtor importa mais do que o preenchimento de supostas lacunas deixadas por ele na superfície textual para se reconstruir os sentidos. Tal estratégia do enunciador dinamiza e fortalece a textualização, promove *flashes*, lançando informações sucintamente enquanto oferece condições para que os objetos descritos sejam compostos na memória discursiva e para negociar as designações adequadas ao referente textual com o co-enunciador.

No intuito de descrever uma das funções cognitivo-discursivas que as formas nominais exercem no processamento textual, Koch (2002) incorpora o conceito de tematização-remática, formulado por Schwarz, pelo qual a recategorização por tematização-remática traz outra predicação sobre o referente textual que não havia sido apresentada ao introduzi-lo. É o que se encontra no excerto (2) de exemplo utilizado por aquela linguista, onde o produtor escolhe a expressão indefinida *um grave problema* para recategorizar *uma questão social* e, assim, destaca a própria avaliação do objeto de discurso ou mesmo a enunciação polifônica de concepções valorativas. Vejamos:

- (2) “Estão tratando uma questão social como se fosse uma questão urbanística e financeira. Enquanto adotarem medidas repressivas estarão perpetuando *um grave problema*”, diz. (FSP “Especialistas criticam ação do governo”. FSP 3/9/2000)

A dupla análise se repete no caso de anáforas especificadoras, conceito de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), cuja operação se caracteriza nos contextos em que o produtor precisa recorrer a um refinamento da categorização introduzida.

3.2 A classificação de expressões nominais indefinidas

A abordagem de Koch (2002) motiva a concentração de Cavalcante (2003a) em contextos pragmático-discursivos na sua análise do funcionamento anafórico de expressões nominais indefinidas e da construção de sentidos decorrente desse processo referencial. O trabalho privilegia as remissões da referência indefinida no texto ao conhecimento partilhado, à situação de interação verbal e ao cotexto, bem como propõe uma correspondência entre essas formas de remissão e diferentes processos referenciais.

Segundo a classificação de Cavalcante (2003a, p. 10), a expressão indefinida tem condições de realizar tanto (i) **introdução referencial** – do tipo dêitica (coordenadas de espaço, tempo e pessoa) e não-dêitica (relacionadas ao conhecimento de mundo) quanto (ii) **continuidade referencial**, sendo anafórica nas condições: direta (correferencial e parcial), indireta (inferencial e associativa) e encapsuladora (operação em que uma expressão nominal rotula informação ou passagem do texto em direção retrospectiva ou prospectiva). Outra observação interessante deste estudo diz respeito à remissão direta ao cotexto que, quando viabilizada pela recategorização com expressão indefinida, corresponde a uma instância de anáfora direta correferencial.⁴

3.3 O uso e o processamento cognitivo de indefinidos anafóricos

A construção da referência através do uso de expressões nominais indefinidas com função anafórica é examinada por Cunha Lima (2004) sob o aporte teórico da Linguística Textual, Semântica e Psicolinguística. A finalidade é compreender a utilização do artigo indefinido (*um*) e investigar o processamento psicolinguístico das construções com indefinido anafórico no âmbito do texto, fenômeno reconhecido na literatura por Monika Schwarz de modo sumário. O argumento lançado por Koch (2002) e Cavalcante (2003a) ganha reforço no que diz respeito ao fato de as teorias semânticas sobre a indefinidade assumirem o determinante indefinido que acompanha um sintagma nominal (em uma expressão referencial indefinida) apenas como

⁴ Acrescentamos que o reconhecimento da correferencialidade da expressão nominal indefinida nesse tipo de remissão traduz uma concepção teórica oposta ao pressuposto formalista de que a indefinidade de uma expressão reside no seu status não-referencial, dado que através de uma expressão indefinida, segundo Lyons (1977, p. 178), não há possibilidade de referir a indivíduo específico ou classe.

introdutor de informação desconhecida. É de estudos funcionalistas⁵ que Cunha Lima (2004, p. 163) obtém respaldo para uma de suas conclusões:

Concluindo a análise, podemos defender a ideia de que a operação realizada pelo indefinido é simplesmente a operação de identificação de tipo, ou como dizem alguns autores (cf. CORBLIN, 1987), uma operação de extração de um membro de determinado conjunto (não unitário). Esse membro pode ou não ser específico, pode ou não ser identificável e pode ou não ser familiar. Isto é, a operação realizada pelo indefinido é “mais fraca”, por assim dizer, do que normalmente se previu. A interpretação de uma expressão nominal indefinida vai ser sempre muito sensível a outras condições do texto e da sentença.

Exceto pela ligação do fenômeno a elementos cotextuais, parece que essa conclusão não vai muito além de onde a semântica já teria chegado há muito tempo. Quando Lyons (1977, p. 187-188) aborda a questão da referência indefinida específica e não-específica, pondera inicialmente na sua posição de semanticista formal que admitir a referência indefinida de uma expressão implica lidar com um conjunto de complexidades adicionais. Considerando a distinção entre sintagmas nominais não-definidos (qualquer sintagma nominal que não seja um sintagma definido) e indefinidos (pronome indefinido ou sintagma nominal introduzido por artigo indefinido), o teórico admite a possibilidade de um SN indefinido ter a leitura de referência específica quando refere a um indivíduo específico, mas não identificado como no exemplo: “Toda noite às seis horas uma garça voa sobre o chalé”. Pela análise do autor, *uma garça* é um SN indefinido que pode fazer referência a uma garça particular – aquela que costuma sobrevoar o chalé – se, no mesmo contexto, a sentença exemplificada for seguida desta: “Ela aninha-se nas terras do castelo”, pois o pronome *ela* é correferencial com *uma garça*. Na verdade, não há como afirmar que os dois linguistas tratem exatamente da mesma questão, entretanto, diferenciadas as noções de referência adotadas por cada um, resta uma reflexão um tanto similar no tocante à indefinidade.⁶

Em suma, a estudiosa enfoca o funcionamento do indefinido anafórico em dois casos especiais. O primeiro se dá pela expressão de uma **relação meronímica**, ou seja, a relação parte-todo⁷ em que a interpretação do elemento anafórico depende da remissão ao antecedente, nesse caso, não retomado, conforme ocorre no seguinte excerto:

- (4) (...) A conta fica mais interessante quando se trata *do grupo das 100 clientes vip* da casa. De acordo com os últimos números, **uma vip** gasta 40.000 reais por mês na Daslu para manter o guarda-roupa atualizado. (VEJA, 26/03/03)

Para Cunha Lima (2004), essa é uma das ocorrências apontadas superficialmente por Schwarz (2000), pois o SN indefinido *uma vip* remete ao antecedente *grupo das 100 clientes vip* sem caracterizar retomada porque o anafórico corresponde a um elemento

⁵ Chafe (1994), Heine (1997), Givon (2001), Corblin (1987), Schnedeker e Theissen (2003), autores citados em Cunha Lima (2004).

⁶ Em outra passagem do capítulo dedicado à semântica do indefinido, Cunha Lima (2004, p. 152) faz uma ressalva: “Seja qual for a forma que escolhermos para descrever o uso do indefinido [perspectiva extensional ou intensional de construção da referência] ele parece ter uma forte relação com a colocação do referente na perspectiva de ocorrência de um tipo ou de exemplar de uma categoria ou membro de um conjunto.”

⁷ Além de nas anáforas partitivas, o indefinido anafórico opera em anáforas associativas e especificadoras.

retirado do todo representado pelo antecedente. Na crítica feita à primeira abordagem da anáfora com indefinido, Cunha Lima (2004) lembra que a intenção real de Schwarz era estudar as anáforas indiretas, o que explicaria a insipiência da observação.

No segundo caso ocorre a operação de **tematização-remática** ou identificação de tipo sob o propósito de construir o objeto de discurso através de uma retomada por recategorização lexical que é realizada com apostos e orações predicativas. É neste caso que Cunha Lima se detém por ainda ser marginal na literatura e por sua ocorrência parecer vinculada a eventos mencionados no texto. Para chegar a tal conclusão, foram observadas as ocorrências de anáfora com indefinido em três situações específicas: (i) em estruturas sem verbos ou em frases nominais (exemplo 1), (ii) na presença de verbo finito no interior de orações relativas (exemplo 5) e (iii) na presença de verbo finito idêntico àquele que consta na sentença introdutora do antecedente (exemplo 6).

- (5) O que dizer do Isaac...*Uma pessoa maravilhosa*, sempre disposto a lutar por uma sociedade mais justa e humana. **Uma pessoa que tem dignidade e respeito**. Quero dizer que torço por você, principalmente porque conheço sua história e ela é linda. Se tornou um grande amigo e um ótimo conselheiro. Um super beijão Denise⁸
- (6) Leio no jornal a notícia de que *um homem* morreu de fome. **Um homem** de cor branca, 30 anos presumíveis, pobrementemente vestido, morreu de fome, sem socorros, em pleno centro da cidade, permanecendo deitado na calçada durante 72 horas, para finalmente morrer de fome. Morreu de fome.

Uma das observações da pesquisadora concerne à constatação de que a modificação do verbo ou a inclusão de verbo finito em uma frase nominal desfaz a leitura anafórica e configura somente a predicação. Assim ocorre na paráfrase da expressão anafórica de (6) *É um homem de cor branca*. (...). Da mesma forma que Koch (2002), Cunha Lima argumenta contra a paráfrase, pois esse recurso descaracteriza a apresentação original do dado coletado. Apesar de auxiliar na compreensão, a paráfrase não se reverte numa explicação do fenômeno, até mesmo porque “a sentença dessa forma é comum em português e não parece haver razões para postular que esteja incompleta ou seja inexplicável na sua forma original.” (CUNHA LIMA, 2004, p. 98)

A pesquisadora reconhece que o fenômeno da anáfora com expressão indefinida tem baixa ocorrência e este foi o motivo alegado para não se preocupar com os gêneros textuais e as fontes dos dados que constituíram o corpus de análise. Em nossa proposta, ocorre o oposto. Temos um *corpus* constituído por textos de mesmo gênero e as fontes estão disponibilizadas na página eletrônica onde coletamos os dados. É por esse caminho que vislumbramos contribuir com esta pesquisa que se volta a um processo referencial pouco revisado na literatura. Em outra ressalva exposta em sua tese de doutorado, a pesquisadora acena com a possibilidade de futuras investigações a fim de levantar as funções argumentativas do indefinido anafórico, pelas quais se interessa, mas não aborda na tese. Até mesmo porque a preocupação essencial da autora dirige-se ao processamento psicolinguístico das expressões indefinidas no texto. Por ter concluído que a interpretação do indefinido anafórico ocorre de forma distribuída no texto, dado a resultados obtidos em testes psicolinguísticos, considera ter contribuído com evidências cognitivas e processuais favoráveis às teorias da referenciação e à necessidade de estudo da linguagem através de textos.

⁸ O exemplo transcrito integra o *corpus* de nossa pesquisa e está disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#ProfileT.aspx?uid=3457100657507016352>. Acesso em: 24 mai. 2008.

Também é possível encontrar uma advertência sobre a apuração insuficiente da preferência por expressão indefinida com a finalidade de recategorizar objetos de discurso. Na realidade, as recategorizações tiveram frequência maior no *corpus*, porém como a metodologia adotada foi a análise qualitativa, não há confiabilidade para constatar tal tendência através dessa análise de um *corpus* tão limitado. Mesmo assim, Cunha Lima (2004, p. 161-162) não deixa de enfatizar a relação entre o indefinido anafórico e o processo de recategorização:

O indefinido anafórico, por fim, **parece estar sempre envolvido em alguma atividade de recategorização**, embora essa recategorização, como vimos, possa ocorrer das mais diversas formas. Um indefinido só pode ser anafórico nos casos em que existe uma identificação do referente, em construções nas quais o tipo a que o referente pertence é refinado, especificado, ou melhor dizendo, estabelecido e reestabelecido. (grifo nosso)

Interessa-nos, pois, refletir sobre as condições de realização das recategorizações lexicais com SN indefinido no interior do processo de construção textual do gênero depoimento do *orkut*, que parece favorecer a ocorrência desse fenômeno referencial.

4. Os dados, os objetos e o gênero

A anáfora com expressão nominal indefinida via recategorização lexical parece relacionada ao gênero depoimento do *orkut* de tal modo como Koch (2002) observa em ocorrências de anáforas definicionais, por exemplo, em gêneros do domínio jornalístico e acadêmico ou científico. Em proporção semelhante, observamos o funcionamento avaliativo de recategorizações com SN indefinido nos depoimentos. A hipótese que levantamos ainda se deve à observação de certas características do gênero como o objetivo enunciativo e o suporte de inscrição (MONDADA, 2008) cuja multiplicidade de modos – recursos dos sujeitos interactantes, a saber, texto escrito, fotos, imagens em movimento, links, sons, vídeos, ferramentas de HTML etc. – distribui-se em distintas intensidades de densidade modal⁹ (NORRIS, 2006). Em resposta à pergunta “O que você tem a dizer sobre [amigo]?”, é produzido um enunciado em condições limitadas, dentre outras, pela necessidade de aprovação do receptor, possibilidade de visualização do texto por outras pessoas e limitação de uso do espaço para produção de texto contendo no máximo 1024 caracteres. Vejamos, então, como esse processo se configura nos dados, os quais serão aqui reproduzidos conforme aparecem originalmente no *site*.

A disposição original dos dados na fonte em que foram coletados recebe exemplificação por meio da figura 1. O conteúdo da seção de depoimentos de um dos usuários do *site orkut* é exposto aqui por termos obtido a autorização prévia do sujeito e, como temos a permissão para exibir apenas a sua imagem, as fotos de outros usuários aparecem desfocadas. Um dos textos (dado 1) que compõem o *corpus* deste trabalho está destacado abaixo por uma moldura de linhas pretas.

⁹ Embora a noção de multimodalidade a que nos referimos seja a de Mondada (2006), por tratar os modos na condição de recursos dos sujeitos postos em ação nas relações interativas, dentre os quais está a linguagem, consideramos pertinente agregar o que diz Norris (2006, p. 402) quanto à densidade modal, ou seja, *the modal intensity or modal complexity that makes up a specific higher-level action*.

orkut Início Perfil Página de recados Amigos Comunidades arlacrosa@bol.com.br Sair pesquisa do orkut

Depoimentos de Luciano

Início > Luciano Passos Moraes > Depoimentos de Luciano

primeira | < anterior | próxima > | última



Luciano Passos Moraes

masculino
Brasil

criar depoimento
denunciar abuso
mais >

perfil
recados

AUTENTICIDADE... para mim é uma palavra forte, simbólica e marcante que melhor te define,..... a despreocupação com aquilo que tem de mais mediocre e mesquinho nas pessoas, persistindo sempre naquilo q realmente tem importância para ti. Quisera que apenas mais alguns no mundo fossem assim. Espero, de forma muito sincera, que essa tua autenticidade sirva para tornar tua felicidade cada vez mais verdadeira e aproximar de ti somente as pessoas que realmente merecem tê-lo por perto.
Esse espaço é pequeno para dizer os motivos pelos quais fazem tu ser o meu grande amigo.
Que Deus em sua grandiosidade ilumine teus passos e teu caminho.
Desejar-te sucesso é pouco, quero que sejas muito, muito feliz! E que jamais esqueças do irmão que te admira muito e te quer muito bem!!!

23/06/06

Oie...
Esse gurizinho eh tudo de bom!!! **Um amigo pra todas as horas!** Kerido, alegre, festeiro, trabalhador (ateh D+, neh?), dedicado em tudo o q faz, **uma pessoa maravilhosa de se conviver.**
Infelizmente muramos longe, mas estou sempre lembrando dele, principalmente qndo lembro dos tempos de RG... Lú, lembra do jogo da desdentada??? Pois eh... A desdentada naum tm + tanta sorte no jogo, mas tm a sorte de ser tua primah!!!Hehhehe
TE AMO mto!!!!!!!!!!!!
BJuzzz

21/04/06

Internet | Modo Protegido: Ativado

Devido ao interesse em cotejar as construções de anáforas recategorizantes com SN indefinido, apresentamos a seguir o segundo texto selecionado (dado 2).



Este é o Lú!!!! **Uma pessoa que conheço desde a graduação**, há uns 7 anos...Entretanto, mal nos falávamos....apenas fumávamos uns cigarrinhos nos corredores da Furg. A graduação terminou e fomos colegas de Mestrado, com ambas as defesas no ano de 2007. É estranho que começamos a nos falar a partir do ano em que não estudávamos mais juntos, isto é, do ano passado pra cá, e isso me faz chegar a uma conclusão: realmente, não estamos neste mundo para sermos colegas _____ mas amigos!

A cada dia descubro em ti uma pessoa fantástica, um companheiro pra todas as horas:

- *um grande incentivador ;
- *um expert em fazer lattes para os "amigos mongas";
- *alguém que está sempre pronto pra escutar as lamúrias alheias;
- *um cara que tem sempre um sorriso pra ofertar;
- *uma pessoa que adora uma cerveja e um papo com os amigos;
- *alguém que é parceiro para almoçar às sextas-feiras;

_____hehehehe _____claro que és muito mais que isso!!!! Já te disse: és o meu ANJO!Te adoro muito, meu amigo! Conta comigo sempre

13/04/08

Internet | Modo Protegido: Ativado

Dentre os critérios de análise, evidenciamos a seleção de objetos de discurso que se reportam ao mesmo tópico, o sujeito “Luciano”. Em certa medida, esse critério torna viável a comparação entre as construções e inclusive auxilia na verificação do quanto percepções subjetivas e experienciais podem atuar de maneira diferenciada na escolha do léxico mais adequado para a descrição de mesmo indivíduo e, assim, direcionar a leitura para sentidos nem sempre tão semelhantes. Outro critério ainda relacionado à seleção de objetos de discurso é a observação do determinante e nome-núcleo dessas expressões a fim de identificar se a estratégia de recategorização opera retomada ou remissão em um escopo parcial, total, por sinonímia, por hiperonímia, por generalização. Para o último critério, assumimos o que diz Koch (2004, p. 261) sobre o elemento nuclear de descrições definidas e indefinidas que fornece pistas importantes acerca do estilo do gênero ou individual, da variedade linguística e da correlação entre léxico e progressão referencial, pistas estas que servem “para uma melhor compreensão dos modos de constituição dos textos e de seu funcionamento nas práticas sociais.”

A seleção de objetos de discurso dos dados 1 e 2 pode ser assim esquematizada:

Quadro 1. Comparativo da seleção de objetos de discurso

Tópico: o sujeito “Luciano”	
Dado 1	Dado 2
a- Esse gurizinho	d- o Lú
b- Um amigo pra todas as horas	e- Uma pessoa que conheço desde a graduação
c- uma pessoa maravilhosa de se conviver	f – uma pessoa fantástica
	g- Um companheiro pra todas as horas
	h- um grande incentivador
	i- um <i>expert</i> em fazer lates para os “amigos mongas”
	j– alguém que está sempre pronto pra escutar as lamúrias alheias
	k- um cara que tem sempre um sorriso pra ofertar
	l- uma pessoa que adora uma cerveja e um papo com os amigos
	m- alguém que é parceiro para almoçar às sextas-feiras
	n- o meu ANJO

Somente pela visualização desse quadro, há condições de perceber as diferentes opções escolhidas para construir a referência nas duas enunciações. No primeiro dado, embora o enunciador lance um argumento que explicita o nível de proximidade mantido com o enunciatário (*mas tm a sorte de ser tua primah!!!Hehhehe*) e assegura a informalidade do ato enunciativo, seu texto demonstra uma descrição mais sucinta do que aquela encontrada no dado 2. Verificamos duas recategorizações com SN indefinido (b, c), cujos núcleos nominais *amigão* e *pessoa* precedidos pelos determinantes *Um* e *uma*, respectivamente, adicionam novas designações ao objeto de discurso introduzido por *Esse gurizinho* (o núcleo contém o termo genérico que indica variedade dialetal utilizada no sul do país). Dado que os núcleos diferem da categoria selecionada inicialmente, o SN indefinido (b) realiza uma recategorização total de (a) enquanto remete a esse objeto de discurso em focalização no começo do texto; já no item (c) ocorre uma remissão recategorizante de *Um amigão (...)* – expressão dotada de valor argumentativo devido ao aumentativo usado – por meio do termo genérico *pessoa*.

Expressão genérica semelhante é usada no dado 2 em posição nuclear na única recategorização com indefinido (*Uma pessoa que conheço desde a graduação*) em destaque no quadro. Em contrapartida, no caso de (f), (g), (h), (i), (k), (l), apesar de haver acréscimo informacional através dos núcleos e/ou modificadores das expressões, não se caracterizam recategorizações com SN indefinido. Isso porque a escolha de núcleos nominais como *companheiro*, *incentivador*, *expert*, *cara*, *pessoa* – (f) e (l) –, introduzidos por determinantes indefinidos que colocam em evidência um tipo de sujeito sem operar especificações maiores, marca a descrição do sujeito através de predicções que não dispõem de funcionamento anafórico, pois não configuram orações nominais, nem apostos. Mesmo assim, trata-se de predicados ligados a uma percepção subjetiva, pautada por aspectos pessoais e profissionais compartilhados com o enunciatário. Nem por isso, tais construções são menos generalizantes do que aquelas que operam tematização-remática no dado 1 e em (e), pois clichês como *Um companheiro pra todas as horas* (semelhante a *Um amigão pra todas as horas*) e *um cara que sempre tem um sorriso para ofertar* fazem parte dos descritores nominais indefinidos que foram ativados pelo enunciador do dado 2, cujos núcleos também se constituem de termos generalizadores.

Podemos ainda observar que a apreensão sociocognitiva dos enunciadores em relação aos destinatários descritos tende a refletir enunciados generalizantes ou partilhados pelo senso comum (os clichês), como os da sequência descritiva do dado 1:

- (7) Esse gurizinho eh tudo de bom!!! Um amigão pra todas as horas! Kerido, alegre, festeiro, trabalhador (ateh D+, neh?), dedicado em tudo q faz, uma pessoa maravilhosa de se conviver.

Além disso, vale ressaltar que a sequência está distribuída em uma espécie de escala avaliativa. A escala parte da recategorização *Um amigão pra todas as horas* e termina com outro indefinido anafórico em situação recategorizante: *uma pessoa maravilhosa de se conviver*. A configuração escalar demonstra muito bem as considerações de Apothéoz e Reichler-Béguelin (1995) ao atribuir motivações para as modulações das expressões referenciais nas recategorizações de acordo como os objetivos da situação enunciativa, sejam eles argumentativos, sociais ou polifônicos. O que queremos dizer é que, nos depoimentos aqui examinados, o enunciador emite declarações a respeito de um sujeito pertencente ao seu círculo de relações evitando qualquer depreciação e, talvez por estar ciente da exposição pública no *site* de relacionamentos, parece tentar preservar tanto a imagem do outro quanto a sua. Desse modo, ainda se torna evidente o caráter dialógico da enunciação propiciada pelo gênero depoimento do *orkut*.

Ao privilegiar uma descrição avaliativa do enunciatário principal – uma vez que os demais usuários do *site* também podem ser tomados como enunciatários e isso é visível nos textos que oscilam entre um discurso direcionado ao “amigo” e aos usuários autorizados a ler os depoimentos (SILVEIRA, 2009) –, o enunciador lança mão de uma configuração escalar, da qual emerge a iniciativa de tirar proveito da natureza argumentativa da linguagem através de “pseudodescrições”. Segundo Ducrot (2002, p. 20), na “pseudodescrição”, um modificador como *maravilhosa* (incluído em (c)) não só descreve o objeto de discurso como adiciona uma informação localizada em escala positiva, i. é., capaz de também traduzir uma percepção apreciativa favorável a quem se refere. Temos, assim, a constituição de uma avaliação tanto subjetiva quanto polifônica, já que o item lexical em posição nuclear confere teor generalizante ao enunciado.

5. Considerações finais

Dentre os resultados parciais a que chegamos, ressaltamos que a recategorização com SN indefinido pode ser favorecida no gênero depoimento do *orkut* devido à recorrência da seleção lexical de SN indefinidos, muitos deles em dupla função cognitivo-discursiva (KOCH, 2002), por serem capazes de reativar referentes textuais presentes na memória discursiva enquanto introduzem novas predicções sobre o objeto de discurso. A contribuição dessa estratégia referencial para a orientação argumentativa empreendida pelo produtor reflete a tendência temática de apresentação valorativa do enunciatário que, a princípio, é qualificado positivamente.

A estratégia de recategorização lexical com SN indefinido adquire funcionalidade na medida em que se toma a seleção de SN indefinido como um recurso produtivo (por explorar a dupla função cognitivo-discursiva das expressões), lançado pelo enunciador que tem à sua disposição um espaço reduzido a 1024 caracteres para produzir o depoimento. Em termos de construção de sentidos, evidencia o quanto a configuração do suporte do gênero (o *software* social do *site orkut*) e a situação enunciativa (a interação virtual em domínio público) impõem restrições que de alguma forma direcionam o projeto de dizer dos enunciadores segundo o objetivo principal do

site de relacionamentos, ou seja, “conectar pessoas”, “estabelecer vínculos sociais”. Isso não ocorreria se houvesse a publicação de depoimentos cujos produtores pudessem depreciar o enunciário, salvo os casos em que a construção textual se dê pela via da ironia ou do humor, até mesmo porque parece difícil que algum usuário concorde com sua exposição em perspectiva negativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, J-M. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.

APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. Construction de la référence et stratégies de designation. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER- BÉGUELIN, M.-J. (Eds.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 1995. p. 227-271.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CAVALCANTE, M. M. *Entre o definido e o indefinido*. Trabalho apresentado no III Congresso Internacional da ABRALIN. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003a.

_____. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 44, p. 105-118, jan./jun 2003b.

CUNHA LIMA, M. L. *Indefinido, Anáfora e Construção Textual da Referência*. 2004. 231f. Tese (Doutorado em linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

DUCROT, O. Topoi e formas tópicas. In: ZANDWAIS, A. (Org.) *Relações entre pragmática e enunciação*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2002. p. 10-21.

KOCH, I. G. V. Expressões nominais indefinidas e progressão referencial. *Revista Planalto*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 118-125, 2002.

_____. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. (Orgs.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 244-262.

_____. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____; CUNHA LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004. p. 251-310.

_____; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

LYONS, J. *Semantics*. v. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____.; XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 13–67.

_____.; KOCH, I. G. V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. B. (Org.). *Gramática do português falado*. v. 8. Campinas, SP: Ed. da Unicamp/FAPESP, 1998. p. 381-399.

MATOS, J. G. *As funções discursivas das recategorizações*. 2004. 146f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

MONDADA, L. Relações entre espaço, linguagem, interação e cognição. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Situar a lingua[gem]*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 67-90.

_____; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référénciation. In: BERRENDONNER, A. ; REICHLER-BÉGUELIN, M-J. (Eds.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*: SN complexes, nominalisations, anaphores. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 1995. p. 273-302.

MORATO, E. M. (In)determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação antireferencialista dos processos enunciativos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 41, p. 55-74, jul./dez. 2001.

NORRIS, S. Multiparty interaction: a multimodal perspective on relevance. *Discourse Studies*, v. 8, n. 3, p. 401-421, 2006.

SILVEIRA, C. E. S. R. Considerações iniciais em torno de uma caracterização do comportamento do gênero “depoimento do Orkut”. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 3, n. 38, jul.-dez/2009.

TAVARES, D. P. F. *Processos de recategorização – uma proposta classificatória*. 2003. 157p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

www.orkut.com

XAVIER, A. C. *O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. 2002. 220f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.